

Miguel Massa pegou no negócio da família e agora faz na Quinta da Matança um azeite que acabou de ser premiado



mente”, diz, como os avós e o pai, embora tenha algumas queixas.

“Não há certificação de Douro Biológico ou Dão Biológico, como há Douro Reserva, Douro Colheita...” - não há DOC nos vinhos MPB, apenas um logótipo criado pela União Europeia e identificação do país de origem. Em breve, vai lançar também um vinho do Porto-rosé, “nos outros há muita competição”, avalia; e, no mercado, há alguns anos, está o wine branco que é provavelmente a jóia da coroa deste portefólio - pelo menos pelo preço: cada garrafa custa 250€ (e tem direito a uma “capa” de seda artesanal local).

É um vinho que é bebido por Cristiano Ronaldo e os filhos do Trump, diz Gilberto, e é característico do Canadá. Foi um tio que ali vivia que lhe trouxe uma garrafa, em 2009. “Fiquei com gosto, queria fazer”, conta. Sabia que tinha de ser um colheita tardia, que meia tonelada de uvas só resultaria em 50-70 litros (300, no vinho “normal”), que as uvas teriam de ficar 30 dias a congelar e depois ser colocadas numa cuba isobarmétrica, onde a maceração e fermentação levam 60 dias a concluir. Utiliza “castas antigas do Douro”, contudo, desde 2009 só por duas vezes conseguiu fazer este que é conhecido, diz, como “vinho dos deuses” - e vendeu apenas nove gar-

rafas. Provamos: Gilberto fala em “labirinto de aromas que se vão abrindo”, em “doçura com acidez certa” - é, certamente, doce com um twist.

Gilberto tem uma mente inquieta, mas também paciente. Veja-se o vinagre que está a preparar. Tira da talha, para cheirarmos, o balsâmico que está a desenvolver, a partir da “madre”: em 30 litros de barrica, todos os anos adiciona mosto, quando faz o vinho - vai ficando pastoso. Leva cinco anos e meio em barrica e ficará mais: venderá vinagres de 10, 15 e 20 anos, “como o vinho do Porto”. E Gilberto já foi muito feliz com o seu vinagre de vinho rosé, que até já foi considerado “o melhor dos melhores” em Santarém.

Também nas cervejas artesanais a Bio-Freixo tem recebido prémios. Gilberto lembra-se de, na década de 1980, em miúdo, a seguir à escola “ir ao lúpulo”, que era “o maior produto em Quintanilha”. Desde essa altura dizia que queria fazer cerveja e em 2011 foi aí buscar o rizoma e cultivar o seu lúpulo em Freixo. A cevada compra-a a agricultores da zona. Lúpulo, cevada e água: as suas cervejas seguem a lei da pureza de 1540 (Baviera). Não lhe faltam ideias e quer incentivar os jovens da região - “temos um que vai avançar para o primeiro hidromel biológico”. “Precisamos de gente a investir aqui.”

guia



Cruzeiro no Douro Internacional
Todo o concelho de Freixo de Espada à Cinta está colado ao rio-fronteira que aqui até é internacional, como os passeios de barco (14€), iniciativa do município freixenista e de Vilvestre. Do lado português partem da praia fluvial da Congida, espaço relvado e arborizado (muitos chorões) à “sombra” de penhascos, onde nesta manhã se desmontam tendas (a autarquia comprou um laranjal vizinho para fazer um campo de campismo), enquanto algumas pessoas apanham sol perto da água. O café-esplanada, em cima do rio, está aberto mas quase vazio. O mesmo cenário no barco: hoje não há o habitual guia que decompõe a paisagem que acompanha o percurso entre as arribas do Douro e as arribas del Duero porque o barco é quase só nosso. Seguimos para montante, primeiro num cenário quase meigo, onde o rio preenche reentrâncias suaves e se ornamenta de laranjais. É a partir de Mazouco que o cenário das arribas mais se impõe; depois do Carrascalinho, o curso estreita e o olival ocupa as fragas portuguesas, em claro desafio ao impossível - do lado de Espanha, avista-se a maior mancha de lódão na Europa, como uma cascata verde a escorrer. É nestas arribas que “vivem” dois casais de cegonhas-negras - e há um tumulto quando uma se avista perto dos ninhos; apontam-se no céu abutres, grifos e águias. Veremos patos e uma lontra - e o pinheiro solitário que parece nascer das fragas e a imagem da Virgem, alva, que alguém (como?) colocou num nicho no topo de um penhasco.

Miradouros

“Olhe para a paisagem: o que vê de um lado que não vê do outro?” Estamos empoleirados no Penedo Durão (Poiares), o mais afamado miradouro de Freixo - em frente, o olhar perde-se no planalto espanhol; para norte, segue a fractura que



o Douro escavou. A resposta: do lado português, vemos as encostas cultivadas; do lado espanhol, mantêm-se em estado selvagem. Não importa o porquê: daqui, temos uma vista “completa”, o humanizado e o natural, num cenário que conflui na barragem de Saucelle, ao fundo desta encosta em que as oliveiras são como um exército em sentido. Há um parque de merendas neste miradouro que se desdobra em socacos, no do Carrascalinho (Fornos) só há rochas e um troço de passadiço - aqui sentimos o lado vertiginoso da paisagem a cair a pique para o rio. Nada se ouve, excepto pássaros, de vez em quando o vento e sentimo-nos parte de um quadro abismal, quebrado com a chegada de outros curiosos. O miradouro da Cruzinha (Lagoaça) é “meigo”, a olhar para uma dobra do rio onde se ergue outra barragem, junto a Aldeávila. Ali, contam-nos, foi filmada uma cena do filme *Doutor Jivago* e ali era o paraíso dos jovens deste lado da fronteira nos anos de 1960/70: “Púnhamos roupa num saco plástico e nadávamos para lá para ir à discoteca. Também tinham piscina, campos de ténis...”.

Calçada de Alpjares
Curvas e mais curvas se desfazem passada a aldeia de Poiares para chegarmos à Calçada de Alpjares. Estamos num mar encapelado de montes, a construir ilusões

geológicas: há rochas que parecem livros dispostos em prateleiras, “muros” naturais, encostas onde as rochas parecem ter sido esticadas ou pinceladas em traços largos. Vemo-los já na Calçada de Alpjares, romano-medieval, um troço de 900 metros de pedras entre Poiares e Barca d’Alva, de onde se avista, como uma linha esculpida nos montes, a estrada que liga Barca ao Freixo - um cenário “belo-horrível”, descrevem-nos. No topo do monte de onde emergimos para a calçada, restos do Castro de São Paulo, ao seu lado dois túmulos escavados na rocha da Baixa Idade Média - e um pombal a completar o cenário.



Cinta d’Ouro
Avenida Guerra
Junheiro s/n
Freixo de Espada à Cinta
www.cintadouro.com
Restaurante Paula
Largo Santo António, 10
Freixo de Espada à Cinta
Latas
Av. do Emigrante, 12
Freixo de Espada à Cinta



Quinta do Salgueiro
E.N. 221, km 88
Freixo de Espada à Cinta
<https://quintadosalgueiro.com>